

UMA TERCEIRA MARGEM

Arthur Hyppólito de Moura

Hoje, quatro domingos após ter sabido da morte de Félix Guattari, ocorrida na noite de 28 para 29 de agosto passado, estou terminando de traduzir dois textos escritos, respectivamente, por Gilles Deleuze e Jean Oury para serem lidos por ocasião do sepultamento do amigo – mas não da amizade – que se foi.

Enquanto trabalho nisso, ouço pela enésima vez um disco de Chet Baker, *Let's get lost*. Nele há jóias preciosas como: 'The thrill is gone', 'My funny Valentine', 'Just friends', 'I remember you', 'But not for me', 'My buddy'... Chet Baker – há quem diga que sua influência foi até João Gilberto – é uma figura cujo trabalho no *jazz* é, diríamos, excepcionalmente afetante. O seu *feeling* é indescritível, assim como os signos que nos deixa. Quase sempre à margem do musical-social, como o próprio *jazz* em seus primórdios, acabou sucumbindo a ela, mas deixou seu trabalho af, para quem quer ver/ouvir. Para aqueles que conhecem mais ou menos sua história, não se sabe se ele morreu, se morreu ou foi morrido há, mais ou menos, quatro anos. Mas isto é uma conversa para outra ocasião.

Volto a Guattari (não o conheci pessoalmente o bastante para chamá-lo de Félix). Penso em sua margem. Era, seguramente, de outro tipo: exercitava-se até o ponto em que pudesse intervir de dentro – embora muitos quisessem mantê-lo fora – na margem do senso comum. A sua margem era a da solidão de estar dentro, navegando no fluxo, a arte da margem. Talvez ele, ao morrer, não tenha ido a lugar nenhum e tenha permanecido justamente em uma terceira margem. Talvez tenha entrado em uma "... canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras..." e tenha executado "... a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar nunca mais."

A propósito, embora use aspas neste fragmento de 'A terceira margem do rio', de Guimarães Rosa, não pretendo estar fazendo uma citação e, sim,

contando. Conto para deixar registrado aquilo que me toca e que não posso – só eu? – descrever. Descrever, interpretar podem ser como explicar uma piada: tira a sua graça. Contar é certamente diferente de citar: é o último passo de um movimento de colher-reunir-trabalhar-dispor aquilo que se maquina em nós. Não é por acaso que, por duas vezes, eu já havia pensado em falar com Guattari sobre Guimarães Rosa, justamente por achá-los tão próximos, cada um em seu respectivo âmbito, no tempestuoso exercício da margem.

São Paulo, 20.9.1992